

“Muito ao contrário do que se dizia, não estamos caminhando para uma crise monetária internacional e o futuro não parece tão negro como se pretendia pintá-lo”
(Georges Blum, Diretor-Central da Société des Banques Suisses)

Bancos suíços entram com 5% do total dos créditos

JANOS LENGYEL

Correspondente

GENEVA — A Société des Banques Suisses (SBS), que pertence ao mesmo Grupo da Union de Banques Suisses e do Credit Suisse, anunciou ontem a adesão “sem problemas” das três instituições ao “pacote” de empréstimos de US\$ 6,5 bilhões ao Brasil. A participação dos bancos suíços será de cinco por cento do total dos créditos, ou mais de US\$ 300 milhões.

Coube a Georges Blum, Diretor-Central e responsável pela Área Internacional da SBS, confirmar a decisão, depois de o Diretor-Geral, Franz Galliker, ter dito que o banco “não tem a intenção de se retirar dos países endividados”.

— Estamos convencidos de que um trabalho conjunto dos bancos e das instituições supranacionais pode resolver o problema da dívida — assegurou Galliker, reconhecendo que “não há alternativa”.

Para Georges Blum, a dívida internacional é, sem dúvida, uma questão complicada, mas que tem de ser encarada de modo realista e tranquilo:

— Temos um sistema de controle

que continua a nos permitir um engajamento em proporções razoáveis — assegurou o Diretor da SBS. Blum disse, ainda, que os bancos têm que se habituar a viver com esse período de reestruturação. Lembrou o caso do México, que acabou sendo controlado, e acrescentou:

— Da mesma forma, o problema com o Brasil está em vias de solução. Muito ao contrário do que se dizia, não estamos caminhando para uma crise monetária internacional e o futuro não parece tão negro como se pretendia pintá-lo.

Num balanço final da reunião com os jornalistas, os dirigentes do banco suíço previram um período de expansão econômica já no próximo ano, devido, em parte, à espetacular recuperação da economia americana.

Para uma verdadeira consolidação da economia mundial, o Diretor Geral da SBS, Franz Galliker, indicou quatro itens básicos:

- 1 — A estabilização ou possível recuo da taxa de juros;
- 2 — Exclusão de um novo choque do petróleo;
- 3 — Câmbio mais estável; e
- 4 — Preço mais remuneradores para as matérias-primas dos países endividados.